

"ESTILÍSTICA SEMÂNTICA"

SEBASTIÃO CHERUBIM^a

RESUMO

Este trabalho de Estilística Semântica tenta fazer um estudo das figuras de linguagem na esteira de Charles Bally e seus sucessores. Discute-se o problema da questão que se coloca quando se pergunta qual é o lugar da figura de linguagem, procurando apresentar uma resposta adequada. Faz-se também um estudo prático das figuras de linguagem na língua literária de Luís Jardim.

PALAVRAS-CHAVE: *Estilística semântica; Figuras de linguagem; Análise estilística.*

1 – INTRODUÇÃO

1.1 – Possibilidades da estilística semântica e suas tarefas

Se há possibilidade de estudar, no nível do **significante**, a natureza estilística da onomatopéia, da aliteração, do homoteleuto, do ritmo; enfim, se há possibilidade de analisar as potencialidades expressivas do estrato fônico da língua; e se há possibilidade de analisar também a expressividade dos morfemas e das partículas no campo da Estilística Morfológica, é evidente que, no nível do **significado** é também possível estudar os valores estilísticos a ele inerentes, porque a partir da denotação, fundamento da língua, é que é possível estabelecer a plurisignificação ou a conotação, fundamento da língua literária.

A possibilidade de pesquisa semântica em análise estilística está em todos os níveis da língua: tanto no nível do estrato fônico, como no do morfossintático, é sempre possível estabelecer as relações entre as duas faces do signo lingüístico: significante e significado.

É possível verificar, por exemplo, que uma aliteração tem a função estilística de produzir um significado especial; que o emprego de um adjetivo pode significar o estado psicológico do autor de uma obra literária ou pode prestar-se para a caracterização psicológica de uma personagem.

Inclusive no nível da Estilística Sintática, há possibilidades de estabelecer relações semânticas: produzir significados especiais e até mesmo realçar os significados. É o que fazem os escritores quando percebem que a língua possui recursos para evitar a ambigüidade, como é o caso, para a língua portuguesa, do objeto direto preposicionado.

Não é difícil entender, portanto, que uma análise estilística, em qualquer nível da língua, pode ser orientada para a exploração da **subjetividade** do falante-escritor.

Por exemplo, a constatação de que certos traços lingüísticos revelam preferências ideológicas, temas e até a permanência de ideais estético-literários. Estes significados inferidos por meio do **signo** são também problemas de Semântica, inclusive porque, pela sua própria natureza, a língua só existe com a finalidade de produzir significados.

Não resta dúvida, porém, de que, quando se fala de ESTILÍSTICA SEMÂNTICA, pensa-se na presença, num estilo, da linguagem figurada, quer como conseqüência da própria imperfeição da inteligência do homem, como quer Bally, quer como artifício de natureza retórica.

Como parte fundamental dos estudos de Estilística Semântica fica, pois, a referência a uma ciência do estilo que remonta aos gregos, século V a.C., sofre modificações diversas no decorrer dos tempos, atinge seu apogeu com o Barroco e se extingue quase que completamente com o advento do Romantismo.

De Platão à elaboração oitocentista com Du Marsais em **Des tropes**, de Aristóteles até os últimos estudos de Fontanier em seu **Manuel Classique pour l'étude des tropes**, a Retórica passou pelas teorizações renascentistas e, aí, se complicou porque assumiu o vício da classificação pela classificação.

Recentemente, a partir do desenvolvimento da Lingüística, a Retórica foi, até certo ponto recuperada pelo esforço de um grupo de lingüísticas da Universidade de Liège, autores da **Retórica geral(a)**, cujo esforço estabelece as operações vigentes em certos domínios do estilo, definido em função da referência,

a. no nível da expressão: os metaplasmos e matataxes;

b. No nível do conteúdo: metassememas e metalogismos.

Para a Estilística Semântica interessa estudar, por conseguinte, os mecanismos de operações entendidas como aqueles — metassememas e metalogismos — nos quais a téc-

^a. Departamento de Letras/CCH — Universidade Estadual de Londrina.

nica se exerce sobre unidades da língua: assim interessam para este campo de estudo, figuras como a metáfora, a metonímia, a sinédoque, a comparação, o símile, a antítese, etc.(b)

Logo, cabe principalmente à Estilística Semântica, colocada exclusivamente no plano do conteúdo, a tarefa de estudar as figuras usadas por um autor na elaboração de sua língua literária. Mas este sistema é redutor. Cabe-lhe ainda estudar o repertório lexical de um autor, de uma obra, a fim de que não fique de fora uma das características mais importantes do estilo: a seleção das palavras.

2 -- AS FIGURAS DE LINGUAGEM NA PERSPECTIVA DE CHARLES BALLY

Em primeiro lugar, para Charles Bally, a Estilística não deveria estudar o valor literário das figuras de linguagem, porque a linguagem figurada não é o produto de uma necessidade estética, mas uma necessidade imposta pela própria condição humana. Ela é o produto da incapacidade do espírito do homem, das necessidades da comunicação e da própria pobreza da língua nos seus meios de expressão.(1:184)

Para Bally, a linguagem figurada é simplesmente um procedimento de expressão que serve para atualizar diferentes formas do pensamento e do sentimento. A linguagem figurada não é estética na sua essência e na sua função natural. Os efeitos da linguagem figurada são efeitos naturais e não propriamente evocativos, embora estes possam existir nela e por ela.

2.1 -- Configuração literária e estilística do problema

Para Bally, uma figura, a mais trivial, abre um raio de luz sobre a mentalidade de todo o grupo social e a própria constituição do espírito humano. Por isso, a figura é um índice social e psicológico simultaneamente.

Isto posto, não cabe nem à Retórica, nem à Poética a solução do problema. As figuras da Literatura possuem, efetivamente, duas características:

a. são sempre o produto de uma inspiração ou de uma reflexão individual com a finalidade de criar uma impressão estética de qualquer natureza;

b. não são criadas em bloco, de uma só vez: são, quase sempre, modificações e adaptações de figuras da língua oral e espontânea.

A língua literária, cujas raízes estão no falar de todos, segundo Bally, vem a este falar comum como a uma fonte onde se rejuvenece. A língua literária é produto de uma necessidade estética, enquanto que a língua oral, de tendências psicológicas e sociais, tem apenas uma relação indireta com o Belo.

Daí conclui Bally que “a expressão usual, a arte de escrever e a estética teriam que retornar ao tom original; quanto à Estilística, ela poderia até ignorar esta transposição”.(1:186)

Outros problemas levantados por Bally são:

a. complicação da terminologia ou nomenclatura que não diz aquilo que quer dizer: termos como *catacrese*, *hi-*

pálage, *metonímia* e *sinédoque* são “pendentes” e “pesados”;

b. confusão que se faz com figuras de pensamento e figuras de palavras. Segundo ele, esta “ficção” conduz à elaboração de tratados dos tropos para um fato lingüístico que deveria ser tratado apenas como o sistema expressivo da língua. Neste sentido, seria necessário “deixar de lado as denominações de figuras de pensamento, que fariam entrar na linguagem figurada tudo o que nós entendemos por “categorias expressivas”.(1:186)

2.2 -- Origem da linguagem figurada

Segundo Bally, cada vez que se procura a origem de uma figura, toca-se em qualquer espécie de incapacidade do espírito humano ou chega-se a uma das necessidades às quais a capacidade da linguagem deve obedecer.(c)

Uma das grandes incapacidades do homem é a da abstração absoluta: o homem é incapaz de apreender um conceito, de conceber uma idéia sem um contato com a realidade concreta. Relaciona as noções abstratas aos objetos de sua percepção sensorial porque este é o meio que tem à disposição para adquirir seu conhecimento e para torná-lo compreensível aos outros. Nisto tem origem a metáfora: comparação na qual o espírito associa duas representações confundindo num só termo a noção caracterizada e o objeto sensível tomado como elemento de comparação; a comparação anuncia, sob a forma analítica, o mesmo que a metáfora faz sob a forma sintética; e as associações que ambas as figuras estabelecem, estão fundamentadas em analogias vagas e até mesmo ilógicas. As duas, porém, revelam positivamente o que o sujeito-pensante observa em a natureza exterior, representando para si o que o seu cérebro não pode representar sob a forma de abstração pura. Nesse sentido, Bally afirma o valor da linguagem figurada para a psicologia coletiva.

Outra fraqueza do homem -- doença incurável do espírito humano -- é a mania de se reencontrar naquilo que não é ele. Não pode conceber a natureza inerte. Sua imaginação insufla vida nos seres inanimados. Quer mais: que todos os objetos do mundo exterior sejam dotados de sua personalidade, de sua vontade. Desde a origem da linguagem, esta concepção animada da natureza e este instinto de personificar foram os responsáveis pela contínua criação de metáforas como: “O sol levanta”, “O vento sopra”, “Uma árvore agira os ramos”, etc. A língua substitui estas figuras não expressivas tão logo elas se transformem em formas lingüísticas abstratas.

Bally chega a afirmar que “a maior parte dos homens que modificam a linguagem têm a mentalidade da criança e do homem primitivo”.(1:188)(d)

Interessante também é a sua observação segundo a qual o homem é o mesmo através de sua evolução; porque, apesar da educação, da cultura, da civilização, o homem permanece semelhante a si mesmo através dos séculos; ele é o eterno prisioneiro das cavernas cuja ocupação é ver as sombras passarem. O espírito científico vive e combater esse instinto dos ancestrais. Mas que pode uma pequena elite contra o que é a própria formação da linguagem?

2.2.1 – Origem da metonímia e da sinédoque

Os comentários de Bally sobre as figuras de linguagem vão ao ponto de tentar encontrar a fonte psicológica de onde nascem as figuras de linguagem.

O autor do *Traité de stylistique française* dá como causa da metonímia e da sinédoque a percepção precipitada e a análise imperfeita: o primeiro é a fonte desta; o segundo, daquela.

Quando o sujeito-falante distingue apenas um aspecto do objeto de percepção e designa a totalidade só por esse aspecto, surge a sinédoque. Há uma análise imperfeita, precipitada, quando se confundem duas coisas distintas que são unidas por um liame constante, por exemplo, a relação entre o **copo** e o **vinho**; um, o continente; outro, o conteúdo. Esta análise falsa dá origem a metonímia.

Bally afirma também que a fonte destas figuras é a “preguiça lingüística” e a “preguiça de pensar”. Mesmo a percepção mais nítida exige uma expressão mais longa e mais minuciosa. Daí Bally conclui que, sem tais figuras de linguagem, a comunicação torna-se quase impossível sob a forma lógica^(g)

Por isso, grande parte das figuras de linguagem é o resultado do erro e da necessidade: fala-se espontaneamente através de figuras ou porque não se pode fazê-lo de forma diferente, ou se está acometido de forte emoção, ou se analisa falsamente.

Logo, as figuras de linguagem não são o produto do fazer estético do homem, que se exprime através delas, para dar tom agradável à expressão do seu pensamento, mas o produto da própria necessidade da linguagem.

É claro que um fato de expressão pode muito bem comportar um efeito estético. Nada impede que emissor e receptor tenham consciência disto. Assim Bally não nega que um falante privilegiado, como é o escritor, possa fazer uso consciente da linguagem figurada. Mas contraria a idéia de que a linguagem figurada esteja **secundariamente** na consciência dos falantes porque **primeiramente** existe na língua literária. Para ele, admitir este princípio seria negar toda a Estilística que considera a figura unicamente no seu valor expressivo dentro do sistema da língua, nas duas múltiplas possibilidades.

2.3 – Classificação das figuras

Em primeiro lugar, Bally fala de “agrupamento” e não de “classificação” porque classificação tem muito de conotação retórica que precisa evitar a todo custo. Visa apenas a todas as expressões figuradas em relação ao seu **valor expressivo**. Assim Bally agrupa-as segundo o modo como são apreendidas pelas faculdades do homem. Portanto, existem as imagens:

1. **CONCRETAS**, apreendidas pela **imaginação**: são as que possuem, no mais alto grau, a capacidade de evocar um quadro que a imaginação individual completa a seu modo. Como figura concreta, Bally concebe a personificação cuja essencialidade é percebida nitidamente pela imaginação. Esta figura é **sensível, concreta, imaginativa e evocativa**.

152

2. **AFETIVAS**, apreendidas pelo **sentimento**: aquelas cujas características são os elementos afetivos nelas envolvidos. As figuras afetivas, pela razão mesma de sua natureza, pertencem à língua familiar e diária. Deve, assim ser chamadas porque nelas, o **elemento afetivo** é tudo o que subsiste de uma figura concreta.

3. **MORTAS**, apreendidas por uma **operação mental** na qual não há um sentimento de figura a não ser do ponto de vista histórico. É uma abstração pura: caminho seguido por todas as soluções pelas quais passam as expressões figuradas. A solução para a compreensão das figuras mortas, que Bally gostaria de chamar **abstratas**, se isto não redundasse num contra-senso, só será possível através da reconstrução pela Etimologia que, para ele, é “a arte de ressuscitar as figuras”.^(1:195)

Esta classificação de Bally tem apenas valor heurístico por estar calcada numa Psicolingüística de cunho empírico. Do ponto de vista da Estilística Lingüística, que compreende a pesquisa dos meios expressivos que o sistema da língua oferece ao falante-escritor, a classificação proposta por Bally é irrelevante porquanto o que a Estilística deve constatar é o processo de expressão e nunca sua origem e evolução, tarefas que cabem ou à Psicologia ou à Filosofia da Linguagem ou à História das Línguas ou à Etimologia.

2.3.1 – As figuras de linguagem como recurso de expressão

A figura é uma fonte onde a linguagem se alimenta e se rejuvenesce. Como a **entoação**, que é indiretamente um recurso expressivo porque pode introduzir matizes afetivos na fala, atenuando ou reforçando significados, assim também as figuras de linguagem são recursos expressivos da língua estudados pela Estilística. Elas podem – como quaisquer outros traços da língua – ser afetivas ou não; podem pertencer à língua literária ou familiar e podem até comportar efeitos por evocação. O que não se deve entender – insiste Bally – é que a figura exista como figura, fora do sistema de expressão da língua. Existe como condição da natureza do homem nas suas necessidades de comunicação do pensamento, do sentimento e da emoção, para cumprir as funções da linguagem.

Neste sentido, a linha de Bally – todo o seu estudo – é altamente produtiva porque coloca o problema no nível da língua como produto da construção do homem, sempre incapaz de apreender o universo que o cerca na sua totalidade. A linguagem figurada é a maneira de ele compensar sua fraqueza e impotência.

2.3.2 – Importância da linguagem figurada para a língua literária

Apesar de as formulações retóricas terem sido interrompidas com o Romantismo, a partir do Simbolismo, segundo ULLMANN^(8:206) os poetas e os prosadores procuraram exaltar as figuras e o seu papel na Literatura.

Para SUPERVILLE^(8:206) “a figura é a lanterna mágica que ilumina os poetas na obscuridade”. Para Saint-Exupéry, ela é “um ato que, a seu modo, encanta o leitor”^(8:206) outros como Aragon, Garcia Lorca, Bache-

lard e André Breton comparam a figura a um narcótico, um salto eqüestre, um explosivo ou um terremoto, expressões metafóricas que revelam o apreço desses escritores pelas figuras.

Outros mais moderados emitem suas opiniões através de uma linguagem mais direta, menos "explosiva". BAUDELAIRE disse que "glorificar o culto à imagem era sua grande, sua única e sua primitiva paixão".(8:206-207)

E MALLARMÉ declarou a potência absoluta da metáfora que Ullmann diz ser "a fonte suprema da expressividade na linguagem".(9:420)

2.3.2.1 – Conceito de figura segundo Ullmann e necessidade de seu uso

Para Ullmann, o termo figura possui vários significados, afirmando que o perigo é confundir figura no sentido de **representação mental** e figura no sentido de **figura de linguagem** que expressa alguma "semelhança ou analogia".(8:210) sentido que realmente interessa aos estudos estilísticos.

Assim se pode definir a imagem como "uma figura de linguagem que expressa alguma semelhança ou analogia". Citando Mr. C. Day Lewis, Ullmann afirma que "toda imagem poética é, em certo grau, metafórica, vê-se num espelho no qual a vida é percebida sob algum aspecto ou como alguma verdade sobre seu aspecto".(8:210)

Dois objetos podem associar-se entre si de duas maneiras: por semelhança e por contigüidade. O primeiro tipo engendra o símile e a metáfora, enquanto que o segundo, a metonímia.

Se para a Estilística interessa o estudo de todas as figuras de linguagem, é bom esclarecer que, do ponto de vista da expressividade, a **metáfora** é superior à metonímia porque esta carece da originalidade e potencialidade expressivas que sobejam naquela. Segundo G. Ersnault "a metonímia não abre caminhos como a intuição metafórica, mas iluminando as etapas de caminhos muito conhecidos, ela percorre distâncias para facilitar a intuição rápida de coisas já conhecidas".(8:210)

Deste modo, poder-se-ia estabelecer uma hierarquia entre as figuras. Ao menos é o que se pode concluir dos estudos já realizados nesse campo. Nelas, metáfora e metonímia estão no centro das preocupações quer da Estilística Lingüística, quer da Estilística Literária, quer da Lingüística Geral.(j)

Como negar que o estudo das figuras de linguagem seja importante para o estudo do estilo literário, se figuras como metáfora, metonímia, hipérbole e antítese se prestam, muitas vezes, a visões de mundo extremamente conturbadas e deformantes? Não é o que revelam análises críticas de um período estético como o Barroco? Assim a análise estilística pode apontar para a descoberta de todas as profundas motivações reponsáveis pelos complexos mecanismos de elaboração estética e para as múltiplas virtualidades significativas da língua literária de um determinado autor ou até mesmo de uma época literária.(k)

2.4 – Figura de invenção e figura de uso

Desde a Antigüidade, a figura é definida como a maneira de falar diferente da natural e comum, o que significa dizer que é um desvio de linguagem.

Há, desde muito, uma classificação que distingue dois tipos de figura: as **de invenção** e as **de uso**. Esta distinção está baseada na distinção entre **forma** e **substância** da própria figura, compreendendo-se, por **forma**, a relação que une os termos e, por **substância**, os próprios termos. A metáfora, por exemplo, é construída na base de uma relação complexa: uma relação lógica que é idêntica a si mesma e uma ilógica cujos termos são diferentes. Segundo exemplificação proposta por Cohen, em "noite verde" e "soluçante idéia", há dois termos de conteúdo completamente diferente e uma estrutura sintagmática completamente idêntica. É exatamente essa estrutura que faz que cada uma dessas fórmulas seja uma metáfora.

A figura de invenção só o é quanto aos termos e não quanto à relação. Na metáfora, por exemplo, o poeta cria os termos: encarna uma forma antiga numa substância nova.

A figura de uso é a que é retomada. Se não passa para o uso comum, ao menos, é de fácil inteligibilidade do público culto. Nela, o desvio anula-se e o efeito estético fica como que obnubilado.

Porém, a figura de uso desempenha função importante nas línguas especiais. Por isso, sendo a língua literária uma língua especial, o conjunto das figuras de uso utilizadas pelo escritor tem um "valor nobre"; uma marca de literalidade.

Fica aqui relacionada novamente a questão segundo a qual as **figuras não são ornamentos**. Constituem a própria essência do estilo literário.

A objeção que se poderá colocar é que o estilo nobre ou figurado não é todo o estilo, como diria Gérard Genette, (4:200) nem mesmo toda a língua literária e que sempre se reconheceu uma função estilisticamente marcada para o estilo simples.

Respondendo, poder-se-ia dizer que o estilo simples é apenas um estilo menos "enfeitado", elaborado com mais simplicidade, que possui também suas figuras porque, conforme já foi visto com Bally, critério adotado também pela maioria dos teóricos, as figuras são a própria essência da natureza humana nas suas imperfeições abstracionais.

A ausência completa de figura em uma língua literária geraria o que, numa linguagem barthesiana, poder-se-ia chamar de grau zero estilístico ou, para ficar com Gérard Genette, "um signo definido pela ausência de signo e cujo valor (estilístico) é perfeitamente reconhecido".(4:200) Pode ser até a realização intencional de um estilo; fuga intencional à **transparência** para se chegar ao supremo grau de arbitrariedade uma vez que a "sobriedade absoluta da expressão é a marca de uma extrema elevação do pensamento".(4:200)

A idéia de que "a figura é um desvio em relação ao uso é também tão antiga quanto a própria Retórica", porque desde a Antigüidade, definem-se as figuras como

“maneiras de falar distanciadas da realidade” ou das maneiras “simples e comuns”.

A colocação de uma oposição entre **figuras de invenção** e **figuras de uso** é uma contradição porque, como diz Gérard Genette, “esse desvio está em uso”, a ponto de já ter sido afirmado também pelos retóricos que “se criam mais figuras num dia de marcado central que em muitos dias de assembléias acadêmicas”.⁽¹⁾

Sendo **um modo de falar não comum** ou “maneiras de falar distintas das outras por força de uma modificação particular que podem ser reduzidas, cada uma, a uma espécie à parte, que se tornam ou mais vivas, ou mais nobres, ou mais agradáveis, a figura é uma separação entre o significante (forma) e o significado (conteúdo) como um espaço interior da linguagem”.^(4:202)

A idéia de que “a figura é um desvio em relação ao uso” levanta ainda uma questão. Segundo Genette, a confusão está entre **uso e literalidade**. Segundo ele, “confusão bem visível na associação: maneiras de falar **simples e comuns**.” Ora, argumenta o autor de *Fugiras*: “o desvio não é necessariamente comum, e reciprocamente: a figura pode ser simples, pois traz **ao mesmo tempo** presença e ausência”.^(4:202) Pode-se responder ainda dizendo que, **no plano do significante**, todo signo é uma seqüência de outros signos literários cuja linearidade é assunto dos lingüístas e gramáticos. **No plano do significado**, a figura é um signo numa superfície que é delimitada por duas linhas: a do significado presente e a do significado ausente. Assim, seguindo as pegadas de Genette, “só a expressão figurada é provida de uma forma pois só ela encerra um espaço”,^(4:202) lugar privilegiado dos estudos estilísticos e estéticos.

2.4.1 – Figura e tradução

Modernamente, houve uma verdadeira ojeriza contra a tradução das figuras a qual é formulada da seguinte maneira: o autor quer dizer ou o autor poderia ter dito... Antigamente, os tratados de Retórica formavam elenco de figuras, acompanhado da tradução.

Como entender uma figura se não se estabelecer aos menos uma operação mental? Que diferença existe entre uma sínédoque e uma catacrese: “as velas singram os mares” e “folha de papel”?

Segundo Genette “toda figura pode ser traduzida e traz sua tradução, visível em transparência, como uma filigrana ou palimpsesto, debaixo de seu texto aparente”.^(4:202) Convém, porém, reconhecer, com a Retórica, que é preciso considerar o emprego atual da figura e classificá-lo de acordo com esse emprego. Logo, a diferença entre uma catacrese e uma metonímia está em que aquela é um emprego forçado, se não primitivamente, pelo menos atualmente: a expressão “folha de papel” contém uma metáfora forçada que existe, na língua, porque não há uma palavra exata.^(m)

Um tipo de figura como a catacrese poderá ser de interesse da Semântica Diacrônica, porquanto, apesar de ser uma figura, (emprega para mesa uma palavra primitivamente reservada ao corpo humano), não é um **tropo-figura**

por não se poder propor para ela nenhum tipo de tradução. Nenhum interesse tem para a Estilística Semântica, ao menos no sentido em que aqui é tomada.

Fica, portanto, a referência explícita de que, consciente ou inconscientemente, só foi entendida como figura aquela **figura-tropo** que tem como característica essencial o fato de poder ser traduzida: ou melhor dizendo, só é figura a figura traduzível, fato que instala no processo um critério funcional.

Na figura, é importante a sensação que o falante tem do fenômeno lingüístico como tal: o leitor deve ter a consciência de que está diante de uma ambigüidade do significado que lhe é proposto ao saber que ele deve ir além da escrita. Quanto se está diante de uma expressão como “botas indecisas” (Luís Jardim), o leitor deve saber que o valor de figura não é dado pela relação das palavras que a compõem, mas pela relação que depende de um desvio que faz que se vá **além** da escrita para estabelecer que “botas” remete ao homem que as **usa**, num processo metonímico; traduzindo melhor: uma pessoa é incapaz de chegar a seu destino porque não tem coragem de tomar decisão.

Neste sentido, a figura tem de fazer parte de um sistema que os Antigos chamaram Retórica, denominação que se pode continuar adotando até mesmo por questão de comodidade.

Assim entendendo, (que as figuras funcionam dentro de sistema como se fossem um verdadeiro subsistema) a compreensão das figuras depende de um consenso “que consiste primeiro numa lista, incessantemente remanejada, mas (como a língua) sempre considerada completa, das figuras admitidas; depois, de uma classificação dessas figuras conforme forma e valor, também sujeita a incessantes modificações, mas que se tentaria sempre organizar preferivelmente em sistema coerente e funcional”.^{(4:207)(n)}

2.4.2 – Figura e significação: denotação e conotação

Toda vez que o falante-escritor emprega qualquer figura já estabelecida ou codificada pela Retórica, a linguagem não só exprime seu pensamento, mas também comunica seu sentimento, construindo uma língua que se vê a si mesma como língua literária. Por isso, é irrelevante, para a análise estilística, se se está diante de uma figura original ou de uma figura retomada. Pouco importa a originalidade ou a novidade que são qualidades individuais e não dizem respeito à Estilística Semântica. O que importa, segundo Genette “é a clareza: a universalidade dos signos poéticos, é poder encontrar no segundo nível do sistema (a literatura) a transparência e o rigor que caracterizam já o primeiro (a língua)”.^(4:211)

O que importa, pois, é saber por que a figura designa além dos objetos, dos fatos, dos pensamentos, o valor afetivo deles.

A figura instaura a ambigüidade, a conotação, embora parta da denotação porquanto visa, literalmente, ao objeto nomeado e segue para um outro que é a motivação. Ao se nomear **bota**, na figura “botas indecisas”, visa-se ao termo **bota** denotativamente, até mesmo porque é o ter-

mo que pode dar a idéia de **partida**; mas visa-se além a partir do segundo termo **indecisas** que instaura a conotação para daí, chegar-se à pessoa que a usa. A figura é, por conseguinte, concreta e material. Ela designa uma idéia abstrata por meio de um objeto material: **indecisão** através de **botas**. Ao dizer **botas pela pessoa**, denota-se e, simultaneamente, conota-se a motivação pelo termo **botas**. A significação, que é denotativa e conotativa, é mais rica por instaurar um universo onde atuam com mais força, a imaginação e o sentimento. Assim, a figura convencional, que parece ter

perdido sua função concreta de evocação, não perde seu valor de conotação.

Por isso, para a Estilística Semântica, é irrelevante a oposição entre figuras “originais” e “retomadas” uma vez que tanto estas como aquelas engendram a linguagem afetiva e privilegiam o texto literário.

Por estas razões, é importante relatar que à Estilística Semântica não interessa tanto seguir toda uma rede de relações e classificações da Retórica, sem querer dizer que não possa, de todo, interessar-lhe; mas, o que é importante é “conservar da velha Retórica (...) seu exemplo, sua forma, sua idéia paradoxal de Literatura (diria de língua literária) como uma ordem baseada na ambigüidade dos signos, no espaço exíguo, mas vertiginoso, que se abre entre duas palavras, no mesmo sentido, dois sentidos da mesma palavra. Duas linguagens da mesma linguagem.”(4:212)

3 – ESTUDO DAS FIGURAS DE LINGUAGEM NO ESTILO DE LUÍS JARDIM

3.1 – A metáfora e a comparação e figuras afins

Já foi citada a afirmação de que a metáfora é “a fonte suprema da expressividade na linguagem”. É também um processo de criação lexical e fonte de expressividade estilística, cujo manancial se encontra na língua falada, onde os escritores se abeberam, conscientemente, para enriquecer sua língua literária com a finalidade de conseguir “a adesão do leitor”.

Metáfora e comparação são figuras afins que se distinguem pela natureza sintática e semântica do enunciado lingüístico.

Costuma-se afirmar que a distinção entre metáfora e comparação consiste em que aquela é uma comparação abreviada, conforme tradição retórica, e esta, uma relação formal entre dois termos comparados em que existe a colocação de dois sentidos em paralelo. Em

“Aquele homem é uma fera”.

e

“Aquele homem é furioso como uma fera”.

a distinção estaria apenas no traço sintático: na metáfora há ausência de nexos introdutórios de comparação enquanto que, na comparação, eles estão sempre presentes: nexos conjuncionais do tipo **como** e seus sinônimos. Isto é verdadeiro sem sombra de dúvida.

Mas além das relações sintáticas, é preciso levar em conta as relações semânticas. Na metáfora existe uma alteração de sentido; na comparação, essa alteração não exis-

te. Melhor: na metáfora, uma palavra deixa o significado a que está ligada e passa a buscar outro por uma relação de semelhança; de modo que se pode continuar dizendo que, na metáfora, existe uma verdadeira **transferência de sentido, um desvio**; enquanto que, na comparação, os sentidos dos termos são colocados em confronto como se a metáfora fosse um micro-universo estruturado e a comparação, dois universos estruturantes.

Assim a metáfora impressiona; a comparação explica. Melhor: metaforizar é sentir a “coisa”; comparar é raciocinar sobre ela. A metáfora é o processo da **subjetividade manifesta**. A comparação é o processo da objetividade a serviço da análise, do esclarecimento; podendo-se dizer que metaforizar é um processo poético^(O) em sua própria natureza; e comparar, um processo didático.

Em termos mais rigorosos: a metáfora é uma equação em que $A = B$ ou $B = A$ e, por isso, é a síntese por excelência. A comparação, girando em torno de dois elementos em confronto, jamais estabelece a equação porque engendra uma espécie de exagero do qual se espera não a **sugestão**, mas a **explicitação** em que cada elemento se conserva no mesmo universo de relações semânticas sem que nenhum deles seja alterado. A metáfora depende de um contexto; a comparação tem o seu próprio. Outro aspecto: a metáfora pode envelhecer e daí perder o significado e até o poder expressivo; a comparação nunca.

Do ponto de vista da Estilística, embora seja quase um truísmo, parece que se pode afirmar que a metáfora, sendo um privilégio da intuição, **está mais presente na poesia**; e a comparação, sendo a manifestação das relações lógicas, **está mais presente na prosa**. Voltaire já disse que “a tragédia admite metáforas, mas não comparações, porque a metáfora, quando natural, pertence ao sentimento; a comparação, ao pensamento.”(P)

3.1.1 – A metáfora no estilo jardiniano

Desde **O boi aruá** Luís Jardim, escrevendo sua primeira obra, manifesta uma preocupação com a elaboração de sua língua literária no tocante ao emprego das figuras de linguagem. No seu estilo, a metáfora desempenha função estilística de grande eficácia expressiva porque Luís Jardim é dado a sentir as coisas em vez de pensá-las.

A narrativa de Sá Dondoni em **O boi aruá** está cheia de metáforas expressivamente superlativas como:

“**Voador era uma grelha**, de tão magro.”(OBA, p.27)

“E agora, como a **sua palavra é um tiro**, eu quero o meu peruzinho pra cá.”(OBA, p.42)

“E os fios que ela (aranha) fazia **eram de ouro e prata**.”(OBA, p.62)

No romance, **As confissões de meu tio Gonzaga**, as metáforas existem como recursos expressivos de uma língua mais rica em sugestividade e conotação. Em:

“**A vida, porém, tem curvas vadias**, e sem sentir transviei-me por uma de **suas veredas tortuosas**.”(CGT, p. 13)

a metáfora sugere dramaticamente a fatalidade e inexorabilidade do destino que arrasta o homem para onde ele não quer.

No seguinte texto, as figuras se conjugam. A comparação torna-se mais expressiva porque sua própria essência está na metáfora lexical **cumprir** que está em relação à **sentença**; transferindo-se para **dias**, realça a idéia de realização dos deveres diários, fato que sugere angústia, impaciência e solidão:

“Cumpria os dias como se cumprisse uma sentença”. (CTG, p. 13)¹

Outro aspecto caracterizador do estilo de Luís Jardim é a metáfora descritiva através da qual personifica-se a natureza numa visão subjetiva e impressionista. Os exemplos seguintes são suficientes para confirmar o afirmado:

“E tudo era lama: massa d’água; **cinzento triste; verde murcho**; zoadada de **chuva dilacerante, abrindo violenta as entranhas polpudas da terra**. Estava ali fecundando no arrastão da enxurrada o **ventre das coisas rasteiras...**” (CTG, p. 9)

“O mato mal acordava e se lavava com o orgalho”. (CTG, p. 28)

“Um cheiro bom andava em tudo, havia risos, meninos brincavam, a vida por inteiro se assanhava por efeito dessa **tarde lírica e inesquecível**”. (CTG, p. 74)

“Perfume de terra molhada e cheiro de **resina assanhada** chegavam até nós, trazida pelo **vento assanhado** que nos **lambia** o corpo e as vestes”. (CTG, p. 81)

“A chuva caía **violenta**, para **fecundar o ventre enxuto da terra**. (CTG, p. 81)

Em *Proezas do menino Jesus*, a metáfora aparece para criar ambiente de sugestão poética e gerar expressividade, toda ela dentro do contexto da linguagem infantil. O menino Jesus, falando com a goiabeira, vê-a como uma mãe protetora e as goiabas como uma grande quantidade de ovos:

“ — Muito obrigado, B. Rosalina, mas a dor pequena já passou. Não quero desinterar a **sua ninhada de goiabas**”. (PMJ, p. 21)

Todas as metáforas dessa obra são adequadamente colocadas em seus contextos. Para indicar os planetas, astros que recebem luz do Sol, Luís Jardim emprega **vaso** cuja relação sêmica de recipiente torna estilisticamente expressiva a figura:

“E um dia as estrelas e **todos os vasos de luz...**” (PMJ, p. 24).

No texto seguinte, a metáfora é usada para enfatizar a expressão do menino Salatiel e os seus sentimentos farisaicos em relação à menina Madalena:

“Aí o menino chamado Salatiel avançou e disse com **os olhos faiscando de raiva**”. (PMJ, p. 35)

A seguir, a metáfora sugere o cansaço do menino Pedro que gagueja, não deixando as palavras saírem por inteiro:

“O **fôlego** de Pedro não ajudava as **palavras que saíam aos pedaços**”. (PMJ, p. 26)

Os textos seguintes apresentam algumas metáforas expressivas:

“...agora é que **seus olhos se derramavam** sobre tudo quanto havia no Brejo das Flores”. (PMJ, p. 62)

“O sol, **desligando a luz, apagou-se**”. (PMJ, p. 66)

“Ficou nos meus ouvidos aquele **rastrinho de som**”. (PMJ, p. 84)

“Passando por sobre a meninada, abriram as caudas, e no chão se **despejaram as cores bonitas** que a luz do sol refletia”. (PMJ, p. 114)

3.1.2 — A comparação

Já foi dito que, enquanto a metáfora expressa a maneira como o escritor sente o mundo, a comparação, por seu lado, exprime a análise que ele faz das coisas, como se fosse uma linguagem didática, uma exemplificação. Se a metáfora é a “suprema expressividade na linguagem”, a comparação não deixa de ser expressiva estilisticamente, ainda porque é o **expressionismo** a serviço da comunicação.^(q)

No estilo de Luís Jardim, a comparação é um recurso bastante usado, especialmente nas obras infantis: necessidade de “busca de precisão para uma linguagem primitiva”.^(r)

Neste sentido, procura-se aqui apenas demonstrar como algumas comparações do escritor Luís Jardim são expressivas porque atendem à explicitação e à concisão.

Digna de nota é a comparação no texto seguinte em que a **rapidez do banho** é comparada com o **susto**, pois este é inesperado e repentino; quando se percebe, já aconteceu.

“Depois que o menino tomou o seu banho, **rápido como um susto...**” (PMJ, p. 16)

Expressiva é a comparação que aparece a seguir entre **uma negra gorda** e **um pão-de-ló**. A expressão torna-se mais viva porque em vez de usar o nexos conjuncional, Luís Jardim usa o verbo **lembrar** que, segundo parece, é muito comum nas comparações da língua popular. A expansão de **pão-de-ló** com **dia de festa** emposta ao texto certa graça, sugerindo a simpatia da negra e intensificando a idéia de enfeite.

“**Negra gorda**, toda enfeitada de fitas e **lembrando um pão-de-ló em dia de festa**”. (PMJ, p. 30)

Algumas vezes, a comparação serve para exagerar as idéias como se pode depreender dos textos seguintes:

“sentir o **capim-mimoso** mais **macio** ainda **que veludo**”. (PMJ, p. 51)

“Que **braços!** Bem comparando, **iguais a galhos de árvore** de tão fortes que eram. De cada um deles as veias pulavam **lembrando raízes grossas** que furam o chão duro”. (PMJ, p. 55)

“Os dentes trincavam **como os de onça com fome...**” (PMJ, p. 77)

A comparação pode ainda estabelecer uma relação paradoxal, como uma espécie de oxímoro para expressar ironia como acontece nos textos abaixo. No primeiro, há uma referência ao riso do menino esquisito, figura do diabo que aparece no Brejo das Flores, para tentar o menino Jesus. A partir de **ria como se rosnasse** aparece, seguidas vezes, a expressão **riso rosnado**, numa espécie de hiperbolização da própria ironia. No segundo, é a figura do delegado, símbolo do poder arbitrário e discricionário, que é ridicularizado:

“**Ria** o tal menino como se rosnasse”.(PMJ,p.66)

“O delegado estava que não agüentava mais, andando com impaciência de um lado para o outro. **Vermelho que só pimenta madura**, parou de repente; pondo dois olhos medonhos em cima do pobre do menino Jesus”. (PMJ,p.90)

A comparação serve também para poetizar pessoas e coisas, conferindo-lhes um halo de pureza e candura:

“E as asas de todas elas, diga-se por comparação, eram **como fossem de anjos...**”(PMJ,p.82)

“O menino Jesus sorriu, e o **azul dos seus olhos ficou como se fosse o azul do céu**”.(PMJ,p.91)

Como se pode constatar, o estudo da metáfora e da comparação ou de qualquer outra figura de linguagem, neste trabalho, não visa a ir às causas de sua presença no estilo literário mesmo porque, como afirma S. Ullmann “a teoria das metáforas comunicantes (...) tem recebido críticas severas e deve ser manejada com precauções extremas”.(9:422-423)

É temerário afirmar que um grupo particular de metáforas esteja relacionado com qualquer experiência pessoal intensa. O que importa para a Estilística Semântica é que a metáfora está tão intimamente ligada com a própria tessitura da fala humana que a encontramos já sob diversos aspectos. Como fator primordial da motivação, como artifício expressivo, como uma espécie de fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas do vocabulário e diversos outros papéis.

Outro aspecto que este trabalho não tem como objetivo é a descrição do mecanismo da metáfora porque à Estilística Semântica interessa somente a sua presença como traço de expressividade. Sua descrição pode interessar à Retórica ou a Lingüística ou a própria Semântica como tal.

Aqui se toma a idéia de que a estrutura metafórica é simples como está em Richards: existem dois termos:

- a. a coisa de que falamos;
- b. aquilo com que ela é comparada.

A primeira é o **teor**, e a segunda, o **veículo**. Existe um terceiro termo que é o traço que liga o teor e o veículo: o **fundamento**. Ou numa terminologia francesa: o comparante que corresponde ao veículo e o comparado, correspondente ao teor.

3.1.3 – A alegoria

Estilisticamente, a alegoria é importante por ser uma figura também conexas à metáfora. A alegoria é uma seqüência de metáforas: a exposição de um sentimento mais que um pensamento sob uma forma metafórica. Esta figura é assim uma espécie de dizer indireto pelo qual se representa um objeto para dizer outro. É um sistema de relações entre dois mundos: a alegoria apresenta sempre dois aspectos; um que é imediato e literal do texto; e outro que representa a sua significação moral, psicológica ou teológica.

Neste sentido, são alegorias a fábula, o apólogo, a parábola e todas e quaisquer narrativas quer longas, quer curtas, em que se colocam em cena seres humanos, animais,

abstrações personificadas, cujas qualidades, costumes, gestos têm valor simbólico.

Um esqueleto armado de foice é a alegoria da morte; uma mulher com balança e com os olhos vendados é a alegoria da justiça. Portanto, tem-se a alegoria sempre que se descrevem ou se enumeram os atributos, omitindo-se o nome adequado ou natural.

Lingüísticamente, para ficar somente nas alegorias que nos interessam, o Poema de Manuel Bandeira “Consoada” é um exemplo típico:

“Quando a indesejada das gentes chegar
(não sei se dura ou coroaível),

Talvez eu tenha medo,

Talvez sorria, ou diga:

– Alô, Iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.

(A noite com seus sortilégios).

Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,

A mesa posta,

Com cada coisa em seu lugar”.

Não aparece, no poema, uma única vez a palavra **morte**. É por meio de uma série continuada de metáforas que o poeta declara estar preparado para recebê-la.

A alegoria é uma figura de linguagem cujo rendimento estético-expressivo é altamente eficaz porque faz o leitor **refletir, julgar, comparar, analisar, interpretar e concluir**.

Luís Jardim constrói algumas alegorias em sua obra. Em **Proezas do menino Jesus**, o “Brejo das Flores” é a alegoria de um mundo fantástico que, por sua vez, é o símbolo do sobrenatural: realidade e mistério fundidos.

“Se isto não é mesmo sonho, se de verdade não é; visagem também não sendo, e miragem não pode ser, que aqui deserto não há; se não é Reino de Faz de Conta, então é milagre, e em terras do Paraíso estou. Piso o barro de Adão, onde o grão mais duro de areia é igual a pó-de-arroz. E de onde vêm os perfumes, apostando com mil aromas para ver qual de todos cheira mais? Das flores que se debruçam formosas em cada galho, e nenhum sem saber qual delas a mais bonita será. E com tanto perfume e flor, até menino faz mel. Aonde foi o arco-íris que aqui devia estar para aprender a fazer cores, as cores que ele não tem?”(PMJ,p.82-83)

Do mesmo gênero é a alegoria criada por Luís Jardim em **Aventuras do menino Chico de Assis** em que a “Serra do Sol” possui as mesmas simbolizações alegóricas pelas quais é necessário pensar noutro mundo onde sonho e realidade se fundem, como num passe de mágica, desaparecendo as noções de tempo e de espaço.(s)

Também no romance **As confissões do meu tio Gonzaga** existem duas alegorias evidenciadas. Uma no capítulo “As artes da aranha” em que se narra a luta da **aranha** com a **mosca**: aquela, símbolo da maldade e da maledicência configuradas na pessoa de Júlia, irmã do narrador; esta, a mosca, símbolo das pessoas inocentes que são sempre o objetivo de críticas maldosas. Esta alegoria é recorrente na obra em pauta a ponto de o narrador referir-se à sua irmã com a palavra **aranha**.

A outra alegoria aparece na mesma obra, capítulo

inicial, onde **rato** e **elefante** são alegorizações expressivas porque a própria natureza semântica das duas palavras, inclusive seu volume, configuram as respectivas simbolizações, engendradas pela antítese **rato x elefante**.

RATO = REALIDADE – REDUÇÃO DO SER E
DAS COISAS – DECEPÇÃO – VIDA MATERIAL
ELEFANTE = IRREALIDADE – SONHO – FANTASIA

“E por que um **rato**, se eu tinha ânsias – quem sabe? – de admirar um **elefante!**”(CTG,p.7)

A alegoria do rato e do elefante, na obra citada, leva a personagem-narrador a opor dois mundos: o do real e o do imaginário-fantástico. Por este, ela perde aquele e se desvia, a ponto de poder concentrar umas das idéias-tema do romance na seguinte metáfora:

“A vida, porém, tem curvas vadias, e sem sentir transviei-me por uma de suas veredas tortuosas”. (CTG,p.13)

3.1.4 – Metonímia e sinédoque

3.1.4.1 – Metonímia

Na perspectiva de Ullmann “a metonímia é intrinsecamente menos interessante que a metáfora, uma vez que não descobre relações novas e surge apenas entre palavras relacionadas entre si”.(9:454)

Do ponto de vista da Estilística Semântica, porém, na linha de Bally, como se discutiu anteriormente, o uso da metonímia, num estilo, marca a presença de busca de concisão, e por isso, ela, por ser uma expressão sintética, é também um recurso de que se valem os falantes-escritores para dar à sua expressão a maior energia possível. Como quer Michel Le Guern,^(5:96) o emprego da metonímia não é estranho à função afetiva da linguagem.

“E se ela realmente não me quisesse, como tudo indicava, eu por assim dizer já tinha a **cama feita, fronha e lençóis bordados**”.(CTG,5.50)

Os dois exemplos seguintes são bastantes expressivos:

“Onde não há **calças**, mãe, as **saias tomam conta**”. (IS,p.17)

“Ali a casa era grande: **vinte e duas pessoas**”.(IS, p.36)

Para muitos, a metonímia é uma simples variante da sinédoque, pois são denominações de distinção tão sutil que autores há que dão como exemplo de metonímia aquilo mesmo que outros subordinam à sinédoque, e tratadistas há que mal mencionam denominações de tropos semânticos. Se na sinédoque se emprega o nome de uma coisa em lugar do nome de outra nela compreendia, na metonímia, a palavra é empregada em lugar de outra que sugere, ou seja, em vez de uma palavra emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de idéia. **Damasco** é tecido de seda com flores ou espécie de abrunho, ambos provenientes de Damasco. Assim o nome de um lugar acaba por designar os seus produtos industriais ou naturais.

158

Louro, por glória; **cãs** por velhice; **fulano é um bom garfo**; **perna**, que era só a do porco, é hoje de todos os mamíferos e até de aves e insetos; **rosto**, que primitivamente, indicava “bico de ave” passou a designar o remate da proa e, posteriormente, sob a forma atual **rosto**, a face humana. **Insultar** perdeu o sentido material de “saltar sobre”. **Desprezar** significava, em latim clássico, “olhar de cima para baixo”.

Achamos que é bastante clara a distinção entre metonímia e sinédoque. Por isto, tratamo-las separadamente. Não é difícil separar **contigüidade** que é o caso da metonímia e o **todo pela parte** que o caso da sinédoque.

3.1.4.2 – Sinédoque

Etimologicamente, significa “comparação de várias coisas ao mesmo tempo”.

A sinédoque é uma figura trópica imperfeita, porque não oferece uma real e perfeita translação de sentido, mas tão somente uma simples extensão do sentido vocabular, baseada numa **relação de inclusão**, para alargar ou restringir a significação normal das palavras. São vários os casos em que ocorre:

1. **tomando-se a parte pelo todo**: Há no campo quinhentas **cabeças**. (em lugar de reses). Completou **quinze janeiros**. (em lugar de anos) Transpuseram a barra **treze velas**. (em vez de navios).
2. **tomando-se todo pela parte**: O mundo é egoísta. (em vez de os homens).
3. **tomando o singular pelo plural**: O brasileiro é cordial. A mulher tem sempre rara intuição. (em vez de respectivamente, os brasileiros e as mulheres).
4. **tomando-se o plural pelo singular**: A obra dos **Ruis** e dos **Nabucos**.
5. **tomando-se o indivíduo pela espécie**: Ele foi para todos um **Macenas**, como o irmão foi um **Hércules**.
6. **tomando-se a espécie pelo indivíduo**: Uma fala sobre Camões: “Como disse o poeta...” Ou falando sobre São Paulo: “No entender do Apóstolo...”
7. **tomando-se a espécie pelo gênero**: “Está sem um **centavo**. (em lugar de dinheiro) “Ganharás o **pão** com o suor do teu **rosto**”. (em vez de alimento e trabalho).
8. **tomando-se o gênero pela espécie**: É triste o destino dos **mortais** (pelos homens).
9. **tomando-se o abstrato pelo concreto**: A inexperienced **juventude**. (em lugar de os jovens). O egoísmo do **amor** (em lugar de os amantes).
10. **tomando-se a matéria pela obra**: Cruzaram o **aço**. (em lugar de espadas) Tangem os **bronzes**. (em vez de sinos).

Eis um exemplo literário:

“Vem, pois, poeta amargo da descrença.

Meu **Lara** vagabundo,

Eco’ a taça na mão e o fel nos lábios

Zombaremos do mundo”. (A. de Azevedo).

(explicação necessária: **Lara** – sinédoque, também símbolo, metáfora pois as figuras se interpenetram. **Lara** é uma personagem criada por Byron, escritor inglês, e personifica o indivíduo orgulhoso e egoísta.

Do ponto de vista da Estilística Semântica é produtiva a distinção entre metonímia e sinédoque porque não é difícil estabelecer distinção lingüística de caráter metonímico e sinédóquico, ainda que — pode-se concordar — as relações sejam bastante sutis.

Expressivamente a sinédoque é uma figura de linguagem muito rica e Luís Jardim a usou generosamente.

O exemplo que segue é sugestivo porque através da mão o Autor opõe **generosidade x mesquinhez**: compadre Terto, personagem de *As confissões do meu tio Gonzaga*, na sua simplicidade, é generoso e bom. Tio Gonzaga, o narrador-personagem, incapaz de doar e dar porque vive unicamente da sua vida interior:

“A guiné ou a galinha d’angola eu a recebi **das mãos generosas** do Compadre Terto...” (CTG,p.78)

Neste outro exemplo, a sinédoque é expressiva porque engendra uma ironia em que **sapatos barulhando pelos tijolos** expressa os modos de Júlia, irmão do narrador, que eram muito rústicos; opostos aos de Dulce, personagem amante do narrador, que eram finos e delicados. Júlia é a realidade vista através dos **sapatos**. Portanto, a figura de linguagem, além de exprimir a ironia, sugere um mundo mesquinho e cruel; a dura realidade da vida. Dulce é o sonho e o enlevo extásico do narrador; Júlia é a sua consciência real. Por isso, a sinédoque, neste caso, constrói a ironia no plano do real, expressando os modos rústicos de Júlia; e, no plano do sonho, os modos de Dulce, que são a delicadeza e a meiguice personificadas.

“Em pouco tempo a **realidade voltou em forma de sapatos**, barulhando pelo corredor”. (CTG,p.51)

Na passagem seguinte, a sinédoque conjugada com a metáfora, sugere lentidão pelo fato mesmo de se tomar a parte pelo todo: deve-se registrar que a metáfora só é possível a partir da sinédoque, uma vez que seria de mau gosto um **cavalo monotono**:

“... e deixe-me conduzir pelo **passo monótono** do cavalo”. (CTG:p.51)

3.1.4.6 – Figuras de pensamento

As figuras de pensamento apresentam também uma classificação que nem sempre tem o consenso de todos.

Parece difícil aceitar, por exemplo, que o **trocadilho** seja uma figura de pensamento, pois ela se define segundo Hênio Tavares em sua *Teoria literária*, como um “arranjo hábil de palavras semelhantes no som e cuja seqüência propicia equívoco de sentidos dúbios, principalmente visando fazer humôr e graça”. De qualquer maneira, uma vez que o jogo de palavras, “propicia equívocos de sentidos”, conservamos o **trocadilho** como é apresentado tradicionalmente.

Segue-se o estudo estilístico de algumas figuras de pensamento.

3.1.4.6.1 – Hipérbole

Hipérbole é a figura de pensamento que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas. Exemplos mais comuns: “Chorou rios de lágrimas”. “Estava mor-

to de sede”. “Os cavalos não corriam, voavam”.

Como exagero de expressão, a hipérbole é uma alteração da realidade extralingüística e se manifesta em todos os níveis da língua. Basta atentar para a língua dos jovens em que as palavras hiperbólicas surgem a cada momento: **fantástico, formidável, sensacional, super-**, etc.

Quanto ao estilo, a hipérbole chega a constituir um perigo se não for usada com certa economia. Com esta ressalva, ela se presta a dar tom expressivo à língua literária precisamente porque todo o exagero por si só chama a atenção. Toda expressão hiperbólica é um recurso expressivo de alta eficácia.

No estilo de Luís Jardim, a hipérbole é um recurso sempre expressivo porque é adequadamente empregado.

No texto seguinte, a hipérbole sugere o êxtase da personagem diante da presença da amada:

“E a imaginação, também liberta, viu coisas singulares: **decorreram séculos, naquela instante, o mundo como que se congelou e dos fundos dos tempos** a passar habitantes vindouros nos encontraram precisamente assim: **ela, adorada; eu adorando-a**”. (CTG, p.77)

No texto a seguir, a hipérbole tem caráter evocativo porque, ao chamar o quintal de Dulce de **Paraíso**, com o destaque grafêmico da maiúscula em sua função hierarquizadora, evoca, com ênfase, o lugar edênico, fonte de felicidade imperecível como está configurado na ideologia do mito judaico-cristão.

“Admito ter dado, reanimado pela recordação, uns toques de lirismo à narração do encontro **nos fundos do Paraíso**”. CTG,p.84)

A passagem seguinte contém uma hipérbole que expressa a angústia e o arrependimento da personagem-narrador em *As confissões do meu tio Gonzaga*, por ter cedido aos encantos da amada que julga, só então, ser uma mulher leviana.

“Assanhado, louco, vítima de uma chuva má, **perdi-me nos fundos do inferno e agora lhe sofria os castigos**”. CTG, p.86)

A hipérbole é mais abundante na obra infantil de Luís Jardim de acordo com a psicologia da criança, assumindo tons tão enfáticos e tão didáticos como a comparação. Eis alguns exemplos expressivos:

“Acho que ele não me ouviu porque **meus berros entopem ouvidos**”. (PMJ,p.15)(t)

“A minha laranja é um mel (...), **adoça até café**”. (PMJ,p.30)

“Também foi pimenta-malagueta que **dava para arder o mundo inteiro**”. (PMJ, p. 31)

“Mas era mesmo um **paletó grandão, de mangas que engoliam as mãos**”. (PMJ,p.39)

3.1.4.6.2 – Antítese e oxímoro

3.1.4.6.2.1 – Relação entre as duas figuras

A antítese é típica figura de pensamento porque sua função é colocar idéias em contraste. Segundo Henri Morier⁶, o gosto pela antítese procede da necessidade

de agir sobre o leitor. Serve também para forçar a realidade no sentido de, pelos opostos, exigir a atenção sobre o texto em que se instaura.

A antítese é a condição de outra figura: o **oxímoro** que se define como a aproximação, num sintagma, de duas palavras de sentido tão contrário que podem se excluir mutuamente.

O oxímoro serve tanto à expressividade estilística quanto à formação de compostos nos quais se juntam palavras contrastantes como, por exemplo, **agridoce, claro-escuro, etc. Segundo Morier, já citado**, a aproximação de termos antinômicos permite criar uma expressão mesclada, em que as coisas se fundem paradoxalmente para transmitir uma expressão vívida.

O oxímoro é uma figura de alto rendimento estilístico porque, mais que a antítese, leva o leitor a refletir sobre a realidade expressa.

É preciso ainda deixar a referência ao fato estilístico de que o oxímoro se presta à função de exprimir a ironia em expressões do tipo: **santa ignorância, sábia loucura, suaves tiranias, etc.**

3.1.4.6.2.2 – Antítese no estilo de Luís Jardim

No estilo de Luís Jardim, a antítese é bastante usada, mas sempre adequadamente em função do tom narrativo, prestando-se à expressão das oposições marcantes: caracteres pessoais, normalidade e anormalidade, alegria e tristeza, etc.

Eis alguns exemplos de **As confissões do meu tio Gonzaga** em que a antítese exprime tais antagonismos:

“Infelizmente, porém, não foi possível nenhum entendimento, porque não conferem talvez nunca **a idade de quarenta com a de seis anos**, não se ajustam **uma alma simples e uma alma inquieta**: e sobretudo não se entendem **um ser real e são e outro doentio e quase anormal**”. (CTG,p.6)

“O que de uma vez foi **amargo e mau** de outra tornou-se **doce e bom**. E **detestei** o que **amei, chorei** do que **ri...**”(CTG,p.7)

A antítese é um traço estilístico em **Proezas do menino Jesus** porque se presta a dizer a significação da oposição entre o mundo do bem e o do mal, do material e do sobrenatural, da natureza e da anti-natureza, da alegria dos simples e da tristeza dos poderosos, a ponto de se poder dizer que a obra se constrói por uma antítese maior, da qual as menores são apenas o espelho.

O oxímoro aparece também com as mesmas funções da antítese, inclusive porque esta é o seu fundamento:

“...um dia deixarão (os astros) de **luzir, vaga-lumes sem luz**”.(PMJ,p.25)

“...todo formalizado, dando passadas de **gigante pequeno**”.(PMJ,p.44)

“**O sol, friorento** lá pelas alturas, teimava em não querer brilhar”.(PMJ,p.108).

3.1.4.6.3 – O eufemismo

O eufemismo é uma espécie de perífrase mediante a

qual, por motivos religiosos, éticos, supersticiosos ou até emocionais, atenua-se o sentido rude ou desagradável de uma palavra ou expressão, através da substituição por outra de sentido agradável ou menos chocante. Assim, por exemplo, a infinidade de eufemismos populares para dissimular o nome do Diabo: **arrenegado, canhoto, coisa-ruim, diacho, mofino, etc.** ou o modo indireto de Camões referir-se à sentença de morte contra Inês de Castro: “Tirar Inês ao mundo determina”. (L.III,123)

Catalogado pelos retóricos como uma figura de pensamento, o eufemismo consiste na enunciação de uma idéia através de palavras ou expressões que suavizam ou atenuam a crueza que pode ferir a sensibilidade de certas pessoas ou até de certos grupos sociais.

Fica aqui a referência ao fato de que o eufemismo pode engendrar também a ironia. Ao se dizer de alguém que “é pouco dado aos estudos”, pode-se afirmar a sua ignorância, consistindo então, a expressão numa ironia que é sempre marcada pelo contexto lingüístico ou extralingüístico.

Luís Jardim não é escritor dado a transcrever palavras ou qualquer expressão que possa destoar. Poder-se-ia mesmo dizer que o emprego do eufemismo chega a ser um traço de sua personalidade marcado em seu estilo.

Eis alguns poucos exemplos dentre os muitos que existem em sua obra:

“**A seiva da vida**, mais forte que o pensamento **alvoroça-me todas as células**”. (CTG,p.19)

No texto antes transcrito, **seiva da vida** é igual “sexo” ereção, desejos ardentes, etc.

No texto seguinte, **sopro do vendaval** é igual a desejos carnaís; **folha inútil** é igual a esperma, ejaculação, produto de uma masturbação:

“E com o **sopro do vendaval** muita **folha inútil** de mim se desprende”. (CTG,p.19)

E outros exemplos como:

“**Mariana é com Deus, tio...**”(MP,25)

“Quem dormia muito tarde, já se sabia como era; no dia seguinte **coberta estendida para secar!**”(OBA, p.37)

Deve-se notar que a figura que mais cria o eufemismo é a metáfora.

3.1.4.6.4 – A personificação

A personificação, também denominada **prosopopéia** ou **animismo**, é figura de pensamento — segundo alguns de sentimento — pela qual se atribuem qualidades humanas a seres irracionais, inanimados, a abstrações; ou ainda pela qual se empresta vida e fala a pessoas mortas ou ausentes.

Neste trabalho, o que se pretende é configurar no estilo de Luís Jardim a existência superabundante da personificação como processo permanente da visão subjetiva da natureza, como de toda a realidade exterior. Este recurso de estilo movimenta o substrato lingüístico de sua obra literária como se ele quisesse impregnar de essência humana toda a realidade. Seu estilo constitui-se pois numa ânsia quase “infantil” de abarcar a vida, num processo impressionista que apresenta os sentimentos como a única realidade

palpável. Por isso a personificação resulta de uma projeção dos sentimentos do Autor nas "coisas" inanimadas para torná-las independentes.

Apresentam-se alguns exemplos de **Proezas do menino Jesus**, mas o levantamento pode ser feito em qualquer obra do Autor, desde **O boi aruá** até sua última publicação, **O ajudante de mentiroso**.

"...com esperança de que algum **barulhinho sem responsabilidade** viesse acordar o menino Jesus". (PMJ, p.15)

"...de onde um **sanguinho magro** apenas minava". (PMJ, p.18)

"Também com todo o corpo o cachorro dizia o que queria..." (PMJ, p.20)

"...e os cabelos assanhados, até as orelhas diziam..." (PMJ, p.20)

"...e os sapos recém-nascidos, **nenéns de sapo** servidos de rabos para andar". (PMJ, p.65)

"Então a boca da noite escancarou-se, como se quisesse engolir o mundo dele". (PMJ, p.66)

"Mas não voava, **bailava**, ao som de um sabiá. E outros pássaros cantavam, e mais **borboletas** bailavam, voando". (PMJ, p.93)

4 – CONCLUSÃO

É certo que as possibilidades de pesquisa em análise estilística estão em todos os comportamentos da língua, mas não resta dúvida de que, quando se fala de ESTILÍSTICA SEMÂNTICA pensa-se na linguagem figurada quer como artifício de natureza retórica quer como condição da própria imperfeição do homem.

Poder-se-ia dizer que as figuras de linguagem não são apenas artifícios estilísticos, mas fazem parte da própria natureza da linguagem humana nas suas necessidades de comunicação. As figuras de linguagem não são de natureza estética; estão, porém, a serviço da língua literária. Como os demais recursos expressivos da língua, em primeiro lugar, estão na língua falada.

Outro fato a realçar é o de que, apesar do excesso de classificação da Retórica, uma classificação das figuras de linguagem, segundo suas semelhanças e diferenças, garante a organização de um sistema dentro do próprio sistema —: a figura é uma língua dentro da própria língua, porque, mesmo sendo da natureza da linguagem e não apenas um artifício de embelezamento, não é um modo comum de falar, mas uma maneira distinta das outras por força de uma modificação particular. Assim, as figuras de linguagem podem ser reduzidas, cada uma, a uma espécie à parte que se torna ou mais viva ou mais nobre ou mais agradável.

A figura de linguagem é uma separação entre o significante (forma) e o significado (conteúdo) como um espaço interior da linguagem.

Quanto ao estudo aqui feito na língua literária de Luís Jardim pôde-se constatar que as figuras de linguagem — objeto da Estilística Semântica — atuam como poderoso recurso expressivo, porque, através do uso delas as qualidades afetivas das coisas (ou da linguagem?) são

realçadas subjetivamente numa visão idiossincrática das mesmas.

5 – NOTAS

- (a) Grupo do Centro de Estudos Poéticos da Universidade de Liège, Cf. DUBOIS, J. et alii. **Réthorique générale**. Paris, Larousse, 1970. Há tradução para a língua portuguesa.
- (b) Segundo os retóricos de Liège (cf, nota (a)), o plano do conteúdo abrange os metassememas no nível da Semântica: sinédoque, antonomásia generalizante e particularizante; comparação, metáfora **in praesentia** e **in absentia**, metonímia, o oxímoro. No nível da lógica, operam litotes, reticências, hipérbole, antítese, eufemismo, alegoria, parábola, fábula, ironia, e paradoxo.
- (c) "A idéia de que as figuras são filhas da miséria e da necessidade remonta a Cícero e a Quintiliano: no século XVII ainda, René Bary explicava a existência delas pelo fato de que "a natureza é mais fértil em coisas do que nós em palavras". (Cf. GENETTE, Gérard. **Figuras**. Trad. de Ivone Floripes Mantoanelli. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 203.
- (d) BALLY, Charles, **Traité de stylistique française** citado p. 188. É possível afirmar que a figura revela realmente um falar primitivo porque, sendo filha da miséria e da necessidade, está mais ligada aos sentimentos que à razão.
- (e) Este seja talvez o motivo pelo qual a língua literária goze de tanto prestígio, ao menos na Civilização Ocidental. Haja vista que o ensino é feito através desta forma de língua. Em algumas situações quase que exclusivamente através dela.
- (f) Exemplo dado por Bally: "Voici une voile". (**Opus cit.**, p. 188).
- (g) Forma lógica de uma figura é o correspondente lingüístico do grau expressivo. Para "um copo de vinho" ter-se-ia "o vinho contido num copo" ou "o vinho que o copo contém". Daí se percebe que a forma lingüística da figuras desse tipo é o resultado de transformações. É conveniente deixar relatado que os Antigos só consideravam figura a **expressão traduzível**, por exemplo, Dumarsais.
- (h) Sabe-se, hoje, que uma classificação é necessária como garantia da própria inteligibilidade da figura.
- (i) Exemplos de Bally: "Une verte veillesse", "une maigre compensation", "une parole **blessante**", "étouffer un cri", (**Opus cit.**, p.194).
- (j) Para citar um exemplo, cf. JAKOBSON, Roman.

- Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: **Linguística e Comunicação**. Trad. de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1970.
- (k) Para este assunto cf. LE GUERN, Michel. **Sémantique de la métaphore et de la métonymia**. Paris, Larousse, 1973. (Há tradução para a língua portuguesa).
- (l) Afirmação de Du Marsais, colhida em GENETTE, G. **Opus cit.**, p.201
- (m) Dificilmente haverá interesse coletivo na criação dessa palavra.
- (n) A organização desse sistema parece ter sido tentada pelos teóricos de Liège.
- (o) "On tend done à voir dans la figure "comparaison" une opération discursive pleine de bon sens et sans envol ni mystère, tandis qu'on réserve à la métaphore le privilège de l'intuitions poétique, à qui les affinités, des choses sont révéllés dans les éclairs de la genialité". (Cf. MORIER, Henri. **Opus cit.**, p. 646)
- (p) Texto de Voltaire citado por Henri Morier, **Opus cit.** p.647: "La tragédie admet métaphore, mais non les comparaisons; pourquoi? parce que la métaphore, quand elle est naturelle, appartient à la passion; les comparaisons n'appartiennent qu'à l'esprit".
- (q) Não se pode dizer que o impressionismo não possa ser uma técnica de estilo expressa pela metáfora ou qualquer outra figura de linguagem.
- (r) Cf. PROENÇA, M. Cavalcanti. Transformar-se o amador na coisa amada. In: ALENCAR, José de. **Iracema**, edição do centenário. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1965, p.281.
- (s) Cf. "O vôo das cores" em **Aventuras do menino Chico de Assis**, pp. 83 e ss. Parece até mesmo que se poderia dizer que as duas obras citadas constituem uma alegoria em seu todo pois dizem um mundo que é o outro.
- (t) A hipérbole está no nível do léxico: **berros**; e, no nível do sintagma: **entopem ouvidos**. A metáfora hiperbólica é mais expressiva que seria o emprego do verbo **ensurdecer**.
- (u) O eufemismo pode ser causa de criação de palavras porque a palavra com que se contorna a "coisa" acaba adquirindo a sua significação como, por exemplo, **privada, patente; falecer, morrer; repariga, puta;** etc.
- 6 – BIBLIOGRAFIA DE LUÍS JARDIM (SOMENTE A PESQUISADA)**
- (OBA) JARDIM, Luís. **O boi aruá**. 9.ed. Rio de Janeiro. José Olympio, 1976. -
- (CTG) ———. **As comissões do meu tio Gonzaga**. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1966.
- (PMJ) ———. **Proezas do menino Jesus**. 9.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- (AMCA) ———. **Aventuras do menino Chico de Assis**. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- (MPM) ———. **Meu pequeno mundo**; algumas lembranças de mim mesmo. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.
- (MP) ———. **Maria perigosa**. 5.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1976.

ABSTRACT

This paper on Semantic Stylistics attempts to study the figures of speech in the framework forwarded by Charles Bally and his associates. We discuss the problem which arises when we pose a question about the place the figure of speech has in language, and we try to present an adequate answer. We also make a practical study of the figures of speech in Luis Jardim's literary language.

KEY WORDS: *Semantic stylistics; Figures of speech; Stylistic analysis.*

BIBLIOGRAFIA TEÓRICA

- 1 – BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**, 3.ed. Paris, Librairie C. Klincksieck, 1951. Vol. I. ¹
- 2 – CRESSOT, Marcel. **Le style et ses techniques**. 8.ed. Paris, Presses Universitaires de France, 1974.
- 3 – DUBOIS, Jean et alii. **Retórica geral**. Trad. Carlos Felipe Moisés et alii. São Paulo, Cultrix e Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- 4 – GENETTE, Gérard. **Figuras**. Trad. Ivonne F. Mantoanelli. São Paulo, Perspectiva, 1972.
- 5 – LE GUERN, Michel. **Sémantique de la métaphore et de la métonimie**. Paris, Larousse, 1973.
- 6 – MORIER, Henri. **Dictionnaire de rhétorique et poétique**. Paris, Presses Universitaires de France, 1961.
- 7 – PROENÇA, M. Cavalcanti. Transformar-se o amador na coisa amada. In: ALENCAR, José de. **Iracema**, edição do centenário. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.
- 8 – ULLMANN, Stephen. **Lenguaje y estilo**. Vers. de Juan Martin Ruiz. Madrid, Gredos, 1968.
- 9 – ———. **Semântica; uma introdução à ciência do significado**. Trad. J.A. Osório Mateus. 3.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973.

Recebido para publicação em 26/06/89